

# improp

6

jan 71

associação de estudantes da faculdade de ciências de lisboa

## REFORMA & REPRESSÃO

Quando o professor Veiga Simão foi nomeado Ministro da Ed. Nacional afirmou desde logo ser partidário da existência de Associações, que contribuíssem para uma melhor formação crítica por parte dos estudantes. Seriam elas os locais de reunião e de discussão dos problemas relacionados com a vida estudantil.

Anunciava-se assim uma política de liberalização do Governo em relação às AAEE.

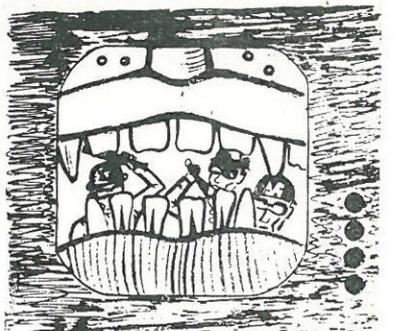
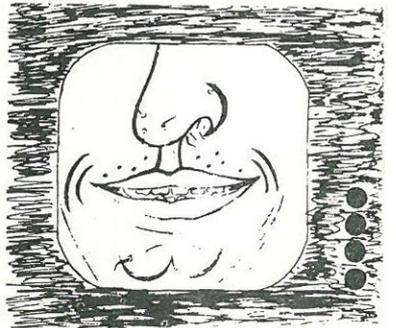
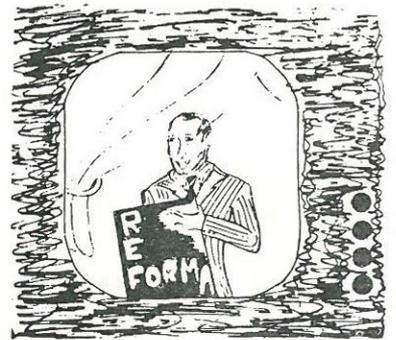
A Universidade Portuguesa encontrava-se então num estado de estagnação total, não formando nem em quantidade nem em qualidade os quadros técnicos e teóricos, necessários ao desenvolvimento do sistema capitalista português. Para que este estado de coisas se alterasse era absolutamente necessário acabar com determinadas estruturas arcaicas existentes, criando em seu lugar novas estruturas que garantissem uma actualização do ensino administrado na Universidade. No entanto, os liberais iriam encontrar certa resistência, dentro e fora da Universidade, para a realização dessa tarefa. Determinados professores, agarrados à sua Cátedra e apoiados numa ideologia reaccionária, opor-se-iam a algumas das modificações que se procurassem introduzir. Para conseguirem vencer esta barreira procuram o apoio da força progressista que é a luta estudantil. Assim, incen- tivam a existência dos locais de reunião e de discussão. Mas ao fazerem isto, os liberais correm um risco: os estudantes, uma vez iniciada a discussão, não param necessariamente nos limites pré-estabelecidos pelas autoridades, ultrapassando-os e chegando ao ponto de pôr em causa os fundamentos ideológicos das mesmas. E quando isto acontece as autoridades só podem usar um argumento: A REPRESSÃO.

Mas, ao fazerem isto, desmascaram-se perante os estudantes mostrando claramente em que é que consiste a liberalização: A discussão dentro dos limites estabelecidos pelas autoridades e não dentro dos limites que os estudantes acharem correctos fazerem essa discussão. O que aconteceu em Direito é um caso concreto do que foi apontado anteriormente. Quando os estudantes, na sua luta contra o policiamento a que são sujeitos no dia a dia das aulas, decidem abolir o regime de faltas; quando os estudantes interrompem um conferencista brasileiro e iniciam uma série de debates, acerca de determinados temas pretencentes ao grande numero daqueles que "não se podem discutir" a policia cerca o edificio e obriga os estudantes a sairem. Posteriormente serão instaurados processos disciplinares e processos crime a alguns alunos desta Faculdade.

Outro caso concreto é a questão da Reforma. Na mesma altura em que o Ministro anuncia, através "dos órgãos de informação" a Reforma Geral do Ensino, uma onda de repressão abate-se sobre o movimento estudantil que vai desde os massacres de Direito e Industrial, a suspensões, prisões, etc.

Quando os estudantes mostram que não é a pensar na gente humilde que moureja nos campos, que o Ministro faz a Reforma, mas sim numa minoria exploradora detentora dos meios de produção, que para tirar maior lucro da exploração, e para poder competir com os productos lançados no Mercado Internacional precisa de mais e melhores técnicos e por conseguinte a Reforma do Sr. Ministro em nada vem alterar o essencial do ensino, que é o estar ao serviço dessa minoria, e não ao serviço daqueles que, para servirem essa minoria, mourejam de dia à noite nos campos, então, quando isto acontece, mais uma vez a repressão se abate como unica forma de resposta do Governo, às questões levantadas pelos estudantes.

continua pag 4



### SUMÁRIO:

- Reforma & Repressão
- Sobre o funcionamento dos piquetes
- Professores-polícias
- Noticiário



## SOBRE O FUNCIONAMENTO DOS PIQUETES

No seguimento de um processo a nível federativo, desencadeado no primeiro período, nas escolas de Lisboa, por se ter agudizado a repressão governamental em relação ao ensino médio e verificando-se o caso de Direito e a prisão de estudantes, foram marcados Plenários nos quais se decidiu boicote às aulas nas diversas escolas, não como forma simbólica de protesto, mas sim como forma concreta de luta que permitis se também numa ampla discussão em reuniões efectuadas para tal (R.G.A. e reuniões de curso).

Para garantir as decisões tomadas pelos estudantes em Plenário foram formados piquetes cujo fim era o de esclarecimento dos colegas ainda não informados e para o caso de "fura-greves" conscientes (1), impedir mesmo o funcionamento das aulas.

Na actuação dos piquetes foram cometidos diversos erros, motivados por falta de experiência, de organização e de capacidade de argumentação, o que levou a que muitos não sentissem a necessidade fundamental de esclarecer a matéria que realmente tivesse dúvidas, preocupando-se mais com o próprio "estoiar" da aula o que provocou por vezes atritos entre os alunos e que não se conseguisse o objectivo fundamental: a informação e discussão do que se passava com uma consequente tomada de posição por parte de todos.

Focando ainda o caso particular do dia 22 (depois da saída da nota oficiosa e ameaça de processos disciplinares) verificou-se que muitos estudantes se deixaram intimidar e acabaram por fazer o jogo das autoridades..

Disto tudo se conclui a necessidade dos estudantes compreenderem a importância da criação de piquetes em número suficiente, estruturados a partir das próprias turmas ou cursos, bem informados, organizados e com capacidade de argumentação fazendo assim malograr os objectivos de intimidação dos estudantes que as autoridades pensam obter com ameaças e possibilitando uma maior correcção do processo.

(1) Há casos de pessoas que normalmente não vêm às aulas teóricas, mas que só para furarem a greve comparecem às aulas nos dias em que esta é decretada.

## professores-polícias

Torna-se importante fazer um balanço do que tem sido nos últimos dias, no caso concreto dos estudantes da Faculdade de Ciências, a luta firme contra a repressão violenta com que as autoridades governamentais tem fustigado massivamente a massa estudantil.

Este balanço da luta faz-se apontando os erros existentes (e a forma de os corrigir), apontando as vitórias na tomada colectiva de consciência por parte dos estudantes (não obstante os esforços das autoridades em a impedir), apontando os porquês da Repressão; mas faz-se também mostrando bem claro, aos olhos de todos, o significado político de certas atitudes que elementos do corpo docente vão tendo nestas ocasiões.

No capítulo dos erros, o fundamental encontra-se como todos nós sentimos, no deficiente (e muitas vezes de sagradável) funcionamento dos piquetes; isso é analisado sucintamente em artigo especial.

Veamos então agora, o último aspecto apontado: Em face da agressão policial no Industrial e em Direito, constituíram-se piquetes na 5ª feira à tarde e 6ª feira de manhã que informaram as turmas e simultaneamente fizeram a convocatória para o Plenário. Na 6ª feira à tarde a decisão do Plenário, de boicote às aulas é integralmente atingida, funcionando na Associação uma reunião permanente de informação até às 18 horas, hora a que se iniciou a Reunião Inter-Associações (R.I.A.). Sábado é segunda feira de manhã o boicote foi também conseguido na totalidade, mas não atingiu a eficácia desejada, pois o número de alunos que vieram à Faculdade foi reduzido, afectando assim o carácter pretendido para os boicotes, que era o de grande participação nas discussões e reuniões. As discussões que se efectuaram tiveram como tema central a Reforma e a Repressão.

Veamos agora alguns acontecimentos elucidativos e demonstrativos do autoritarismo e do verdadeiro carácter policial do nosso corpo docente. É nos períodos de "crise" que a repressão, habitualmente disfarçada e exercida sobre os alunos durante o "funcionamento normal e ordeiro", vem ao de cima com toda a nitidez. E ela desmascara-se

não só com os cacetes e espingardas, mas igualmente com o procedimento dos nossos "mestres". Diariamente ele "aplica" o seu método; diariamente ele impõe a sua autoridade.

E na sua aula ele não pode permitir que se informe e discuta seja o que for, que sai fora dos estreitos limites do seu sumário de matéria, pois as suas teorias, método e autoridade seriam postos em causa. Por isso os piquetes e comissões de informação deparam, no cumprimento das suas funções, com grande resistência da parte dos professores (há honrosas excepções), chegando alguns deles a usar todos os meios para impedir a informação (como exemplificaremos mais abaixo).

Mas a atitude destes professores não pode ser só encarada como autoritarismo puro e simples, mas também como policial e política: ao impedirem a informação e discussão eles estão por um lado, exactamente a substituir os polícias e os seus cacetes; e por outro a praticar convenientemente a política governamental de evitar a todo o custo a discussão, consciencialização e tomada de posição dos estudantes ante problemas e questões que os afectam.

Por tudo isto se torna tão importante a denúncia destes professores-polícias. Durante estes últimos dias os exemplos foram claros:

1º exemplo: Prof. Almeida e Costa.

Este professor quando da entrada de um piquete que havia pedido para informar os alunos presentes numa aula, teve a seguinte actuação: dirigiu-se a uma colega que estava a falar e pediu que esta se indentificasse, (mostrando que é um eficaz polícia, e alegando pseudo-arrombamento da porta ameaçou outros dois estudantes com processos disciplinares, empurrou e provocou os restantes (agarrou um estudante pelas abas do casaco; disse a uma colega que a sorte dela era ser rapariga senão...).

Talvez esta sua actuação não esteja totalmente dissociada da sua estadia há anos atrás na Alemanha onde provavelmente adquiriu os métodos "educativos" em voga na altura...

De notar a vinda do "professor" Passos Coelho que tentou ostensivamente barrar a passagem a alguns alunos.

2º exemplo: Prof. Morgado.

Quando um piquete pretendeu dar uma informação na aula do "professor" Morgado, depois de pedir licença, este afirma que nas aulas dele não davam informações. Um estudante pergunta-lhe por que razão em especial nas suas aulas não se poderiam dar informações, ele "responde-lhe" pedindo-lhe para se identificar. Este "professor" talvez devido a ser major deve confundir a universidade com o quartel, e a aula com a caserna, a relação professor-aluno com a de soldado-major.

3º exemplo: Prof. Maria do Pilar Sotto-Mayor

Fazendo as honras à ideologia dos donos dos Bancos, esta Professora "preferiu entre outras desconhecidas, com certeza-duas frases lapidares com o seguinte, ilustre teor:

-Todos os estudantes que fizessem greves deveriam apanhar processos disciplinares (se não ficam carneirinhos a boas, ficam-no à força)

-os estudantes nada têm a ver com a reforma, pois nada sabem; os professores sim, e só esses, é que tinham a ver com a reforma

(então e a "maioria silenciosa"? - o melhor é continuar calada...)

4º exemplo: Prof. Passos Coelho.

Durante uma sua aula, um piquete pediu licença para dar uma informação.

O professor investiu exaltado gritando: "na minha aula não se dão informações". O aluno que havia pedido para dar a informação preparava-se para sair quando o professor o empurrou primeiro e depois agarrou pelas costas, rasgando-lhe o blusão, e dando-lhe dois murros. O estudante reagiu dando-lhe uma cabeçada, naturalmente! O piquete saiu e o professor fechou-se à chave formando-se um ajuntamento de estudantes discutindo o ocorrido. Um assistente ao passar (Dr. Barroso) tomou conhecimento dos factos e, conseguindo que lhe abrissem a porta tentou falar com o "Dr." Passos Coelho. Este ao fim de algum tempo virou-lhe ostensivamente as costas.

5º exemplo: Dr. Romeu Ramos.

Membro da ex-Comissão Administrativa\* e notório simpatizante de outros organismos anti-democráticos e anti-associativos, tem procurado desde que é assistente, impedir a acção dos piquetes no que tem falhado, tal é a facilidade com que se desmascaram as suas atitudes.

continua pag. 4

\*para os mal informados, esclarece-se que a Comissão Administrativa foi uma estrutura composta por mercenários fascistas que usurpou o cargo da Direcção da Associação, por imposição das autoridades. Contra os interesses dos estudantes, que exigiram durante tres anos direcções de Associação democraticamente eleitas.

Tudo isto foi analisado na Reunião Geral de Alunos, onde foi aprovada a seguinte proposta:

1. Que seja decidido em R.G.A. condenar as atitudes polícias dos professores: Romeu Ramos, Maria do Pilar, Passos Coelho, Morgado e Almeida e Costa, em relação ao período deste boicote;

Que se condene essa atitude dos professores, que tem claramente um significado político, que é impedir que os estudantes se inteirem conscientemente dos seus problemas, nomeadamente do estudo da reforma e deste período repressivo

2. Os alunos reunidos em R.G.A. declaram que não querem professores-polícias na Faculdade de Ciências e que qualquer estudante a partir de agora possa sem qual quer intimidação (processos disciplinares ameaças, etc.) encetar uma discussão sobre a reforma e repressão nas aulas dos referidos professores, analisando o significado político da sua conduta durante o boicote.

3. Os estudantes em R.G.A. consideram uma atitude repressiva a ameaça de processos disciplinares e visando, pela intimidação o impedimento da discussão e da formação de todos os estudantes.

4. A R.G.A. considera que a afixação de matéria em sumário (no período de boicote) consiste numa clara manobra de chantagem, com o mesmo fim das intimidações referidas; donde os estudantes recusarem a sua validade.

Esta proposta foi aprovada por grande maioria, com 7 votos contra e 4 abstenções.

### REFORMA E REPRESSÃO (cont.)

No entanto não acontece como antigamente em que as AAEE eram encerradas. Estas, tal como vimos anteriormente, dado o papel importante que desempenham neste momento, só em ultimo caso serão encerradas. Elas devem (no entender do Sr. Ministro claro) encetar e levar para a frente a concretização da Reforma Ministerial, conjuntamente com os professores mais liberais.

Mas para que assim seja é necessário por um lado, uma politica de repressão maciça em relação aos estudantes presentes nas reuniões de discussão, que ultrapassam os limites pré-estabelecidos pela autoridade, de forma a afastarem os estudantes menos conscientes dessas reuniões e por outro lado uma politica de repressão selectiva em relação selectiva em relação aos dirigentes que persistam em levar para a frente este tipo de discussões.

A repressão por parte das autoridades vai criar no entanto em largas massas de estudantes uma base de solidariedade que

os leva a apoiar através das mais diversas formas de luta (como seja o caso do boicote às aulas, concentrações, etc.) a luta dos estudantes que forem reprimidos.

Como evitar que isto aconteça? Procurando dividi-los. É o que tenta fazer a ultima nota Ministerial que através da chantagem de afixação de matérias e de ameaças de intervenção policial procura levar os estudantes menos politizados a revoltarem-se contra aqueles que efectuam reuniões de discussão e que tentem apoiar os estudantes que neste momento são alvo da repressão.

### o M.E.N. lança a sua cartada os estudantes unidos vencerão

### ULTIMAS NOTICIAS

Os Presidentes da Direcção e da Mesa da Assembleia Geral de Direito, não foram homologados. Quinta-feira dia 14/1, quando se efectuava uma reunião Geral de Alunos, para discussão da resposta a dar dos estudantes a esta não homologação, a policia invadiu a Faculdade massacrando os estudantes aí presentes e prendendo 2 estudantes. Vários outros foram hospitalizados em estado grave. No mesmo dia de manhã, a policia tinha intrevido do mesmo modo numa R.G.A. efectuado no Industrial, chegando mesmo a prender um estudante que mais tarde libertou. Marcado para o dia seguinte um Plenário de todos os estudantes de Lisboa, para junto da Reitoria, este, não se chegou a realizar neste local, devido, mais uma vez, à intrevenção das forças policiaes, primeiro em frente da Reitoria, e depois dentro da Cantina o que teve como consequência ficarem feridos 30 estudantes que tiveram de receber tratamento hospitalar. Os estudantes concentraram-se em Medicina onde decidiram por aclamação o seguinte:

- (1) Boicote às aulas com discussão até 2-feira, dia 22 às 12h.
- (2) Realização neste dia, de um Plenário no IST.

Entretanto o Técnico foi encerrado e o Plenário realizou-se em Ciências onde se decidiu o seguinte:

- a) NORMALIZAÇÃO DA VIDA ASSOCIATIVA
  - Levantamento do inquérito à A.D. A.I.L. (Instituto Industrial), da suspensão da Direcção e entrega imediata das instalações destinadas às actividades circum-escolares à A.D.A.I.L.
  - Legalização do Movimento Associativo do Instituto Comercial

- Homologação do Presidente da Direcção e do Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação Académica da Faculdade de Direito
- Legalização de todas as comissões pró-Associação
- b) LEVANTAMENTO DAS SUSPENSÕES E ENCERRAMENTO DOS PROCESSOS DISCIPLINARES EM CURSO E LIBERTAÇÃO DOS ESTUDANTES PRESOS NOS RECENTES ACONTECIMENTOS
- c) ABERTURA IMEDIATA DAS FACULDADES E DIMINUIÇÃO EM TODAS AS ESCOLAS DO RITMO DO TRABALHO ESCOLAR DURANTE A ÚLTIMA SEMANA DE JANEIRO E AS DUAS PRIMEIRAS SEMANAS DE FEVEREIRO, A FIM DOS ESTUDANTES PODEREM DISCUTIR COM INTEIRA LIBERDADE, COM OS PROFESSORES QUE QUISEREM; AS QUESTÕES LEVANTADAS PELOS 2 PROJECTOS APRESENTADOS PELO M.E.N., ENQUANTO DECORRIA UMA ENORME OFENSIVA DE REPRESSÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL.

DISCUSSÃO A SER COORDENADA PELAS AAEE ABERTA A TODOS OS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO QUE, NESTE MOMENTO NÃO TÊM ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES

Junto a esta proposta foram aprovadas algumas adendas

- 19 A realização do boicote total das aulas às 14h. de terça-feira, 19, para possibilitar a presença de todos os estudantes, frente ao M.E.N. no Campo Santana
- 20 Comício às 14h. de quarta-feira, na Cantina da Cidade Universitária, para posterior distribuição de comunicados aos estudantes do Ensino Secundário e extensão do movimento às Escolas Técnicas e Liceus, com paralização de todas as aulas das 14 às 18 horas de Quarta-feira.
- 30 Efectivação de novo Plenário, sexta-feira ao meio-dia e meia, para em face da resposta do M.E.N. se decidir da continuação do processo. Na manhã de sexta-feira, serão igualmente boicotadas as aulas na Universidade de Lisboa

Os Presidentes das AAEE foram ao Ministro acompanhados de grande numero de estudantes. Este recusou-se a recebê-los enquanto não se normalizasse a vida associativa, e depois de pela respectiva via hierárquica pedirem audiência, o fizessem acompanhados dos Reitores das diversas Escolas.

No Plenário de sexta-feira realizado na Cantina e em face da resposta ministerial, foi decidido que:

Considerando:

1. O conteúdo da resposta ministerial a pedido da audiência com os Presidentes das AAEE que se traduz:
  - a) Tentativa de responsabilizar os estudantes pela chamada "anormalidade Académica"
  - b) No não reconhecimento da autonomia do movimento estudantil face à organização administrativa da Universidade.
2. A actual política de repressão e isolamento dos estudantes de que a última nota oficiosa é expressão bem clara.
3. A necessidade urgente de organização e de esclarecimento de todos os estudantes face à repressão.

PROPÕE-SE:

- 1) Que seja reafirmado neste Plenário a intenção das AAEE serem recebidas pelo MEN como representantes dos estudantes, mandatados por estes para lhes apresentarem as questões que definiram, salvaguardando autonomia do movimento face à administração universitária.
- 2) Que se convidem os professores e conselhos escolares de todas as escolas superiores e médias de Lisboa a tomarem posição perante:
  - a) A repressão sobre os estudantes, nomeadamente prisões, suspensões, e processos disciplinares, intervenções policiais sobre reuniões de estudantes, repressão sobre os organismos associativos.
  - b) As propostas apresentadas pelos estudantes ao MEN.
  - c) A recente nota oficiosa e a repressão que pressupõe.
- 3) Que nos próximos dias se reuizem reuniões por grupos de escolas, amplamente convocadas, onde se discuta a reforma geral do ensino e o estado actual do movimento.
- 4) Que o processo seja federativo e consequentemente dirigido pelas estruturas federativas.

# NOTICIÁRIO:

## federativo

### PORTO

Esteve durante 3 dias em greve a Faculdade de Letras, devido ao Director não ter autorizado que se realizasse um colóquio. Realizaram-se Assembleias Gerais permanentes na quinta e na sexta-feira passadas. Por fim o Director accedeu...

### COIMBRA

Por não terem sido homologados dois elementos da AAC e simultaneamente em solidariedade para com Lisboa, os estudantes decretaram greve no dia 19 que foi seguida totalmente. Realizou-se nessa altura uma Assembleia Magna. A AAC pede audiência ao M.E.N.; no dia 22 o ministro não recebe os estudantes. Marca-se então nova Assembleia Magna para Segunda-feira às 17h. para discutir as medidas a tomar.

### ENSINO SECUNDÁRIO

L. PEDRO NUNES: Na sexta-feira passada dois professores utilizam métodos reaccionários para com os alunos insultando-os e ameaçando-os.

Na comemoração de mais um aniversário (dia 23) com a presença do Presidente Américo Thomás, ao meio-dia, os estudantes iniciam um boicote à última aula (11) com intenção de se retirarem do Liceu, mesmo que isso não fosse permitido. Há grande movimento de "bufos"... Os alunos finalmente saem ficando apenas cerca de 50 alunos.

E. FONSECA BENEVIDES: Estão ameaçados de suspensão 21 alunos.

E. IND. E COM. de VILA FRANCA: Os estudantes entram em greve por dois dias exigindo a entrega das instalações à sua comissão Pró-Associação.

### ULTIMA HORA

R.I.A. a 23/1/70 (sábado) em Económicas às 15h. a policia impede a realização desta reunião decidida em Plenário. Entretanto a policia cerca a escola, para impedir ajuntamentos na Cantina.

## interno

### 1) ELEIÇÕES

Após a discussão prévia nas turmas, do projecto de trabalho, conseguiu-se este ano uma maior participação dos estudantes: 434 - 387 votos a favor, 5 votos contra e 42 votos nulos e abstenções. Por officio de 4 de Janeiro os Corpos Gerentes da Associação foram homologados.

### 2) MESAS-REDONDAS

Iniciou-se na passada semana, um novo tipo de reuniões na Faculdade. Têm como objectivos especificos: a formação de uma atitude critica perante a Reforma, e a sociedade em que ela se insere, através da participação activa dos estudantes.

-Realizaram-se já duas mesas-redondas, estando previstas muitas outras. Na quinta-feira passada, realizaram-se a de Quimica-Fisica e a de Matemáticas. Em ambas se considerou necessário a formação de grupos de estudo, que posteriormente foram propostos à Reunião Geral de Curso.

-Como modelo de funcionamento, cita-se a de Matemáticas. Decorreu com a participação de 120 estudantes (de todos os anos). Após fecunda discussão, concluiu-se da necessidade da reorganização do Curso e do estudo em grupo de temas como: Instituição Universitária, Métodos de Ensino (participação do aluno na aula, relações professor-aluno) exames caracter selectivo.

Houve marcação de uma Reunião de Curso, para o dia seguinte, para discussão e aprovação de propostas, sugeridas. Aí aprovou-se o seguinte: 1) Que o local de trabalho seja sempre a aula, visto não se poder dissociar dela, o conteúdo da discussão proposta. 2) Que se faça boicote com discussão nas aulas que se reconheça sem interesse para o curso.

- Estudou-se ainda o funcionamento dos grupos de estudo.

- Paralelamente e nos próximos dias, além destas mesas-redondas, sobre os temas já propostos, lançar-se-á a discussão, a cargo da Cultural, novos temas, como:

- A "Neutralidade" da Ciência
- Colonialismo, processo, evolução e estado actual.

ATENÇÃO POIS ÀS MESAS REDONDAS!  
NÃO FALTES.

